

## A propósito de A LITERATURA PORTUGUESA PERANTE AS REALIDADES CONTEXTUAIS LUSO-AFRO-BRASILEIRAS

Intervenção de ILDÁSIO TAVARES  
(Professor da Universidade Federal da Bahia)

De início contesto a propriedade do título. Não creio que se possa sobrepor o rótulo de Literatura Portuguesa a literaturas que se expresam em padrões culturais próprios, apesar de pertencem ao mesmo sistema lingüístico. E mesmo dentro da perspectiva meramente lingüística há diferenças marcantes entre o português do Brasil, da África e do Portugal, na medida em que pertencem ao mesmo sistema mas realizam-se de forma diversa, tanto léxica, como fônica, como sintaticamente. É do conhecimento de todos a teoria tripartida de Eugenio Coseriu, que divide uma língua em sistema, norma e fala. Se nosso sistema é igual ao de Portugal, outras normas orientam a execução de sua fala. Não fora assim e os romances de Jorge Amado, calcados na linguagem coloquial brasileira, não teriam que ser "traduzidos" em Portugal. E as traduções portuguesas de peças estrangeiras não teriam que ser readaptadas para a encenação nos teatros do Brasil. Um simples exemplo mostraria a distância sintática que há entre o português de Portugal e do Brasil. Para expressar uma ação que se processa no momento em que o falante a executa, empregamos uma construção de presente mais gerúndio — estamos estudando — o português emprega uma construção de presente mais preposição mais infinito — estamos a estudar. Disso decorre que ao nível de uma linguagem acadêmica denotativa a fala portuguesa e a brasileira se aproximam, mas ao nível de uma linguagem literária conotativa que redimensione e estilize a linguagem coloquial (como ocorre na prosa moderna) as duas línguas se afastam. Note-se que a literatura brasileira, submetida a Portugal por uma dicotomia de ponto de vista alienígena e língua alienígena começa a se libertar da metrópole no Romantismo, onde se definem os limites culturais e lingüísticos. Primeiro, os autores românticos voltam-se para a realidade nacional.

E mesmo que o façam através do indianismo calcado no conceito rousseauiano do "noble sauvage", (conceito que vem de muito antes de Rousseau mas foi difundido por ele) e influenciados pela literatura indianista de Chateaubriand e James Fenimore Cooper, já o fazem com a firme decisão de apartar-se culturalmente de Portugal. Acresce que língua também já se apartava. Alexandre Herculano, ao ler os "Primeiros Cantos" de Gonçalves Dias, fez anotações à margem do livro acusando o bardo maranhense de uma métrica "frouxa". E isso se deve a uma contagem de sílabas com o ouvido por-

tuguês de versos forjados por um brasileiro. Veja-se um exemplo — a palavra submarinha que Herculano, como bom português, escandia sub-ma-ri-nha com quatro sílabas e Gonçalves Dias escandia su-bi-ma-ri-nha, produzindo na primeira sílaba o que Manuel Bandeira chama um suarabácti, fenómeno típico da ojeriza que têm os brasileiros de terminar uma sílaba com uma consoante oclusiva.

Esse processo de libertação e autonomia de nossa literatura, fugindo do colonialismo cultural português, culmina na Semana de 22, e a partir daí define-se bem uma literatura brasileira em linguagem e expressão cultural próprias. É Manuel Bandeira mesmo que faz uma diatribe contra o que classifica de "macaquear a sintaxe lusa".

Portanto não vejo como encaixar a literatura brasileira no rótulo Portuguesa. Sua expressão cultural é diversa e sua linguagem também. Somente uma reviravolta colonialista e paternalista perfeitamente dispensável poderia conceber tal proposição.

Quanto à literatura africana, temos um caso bem mais flagrante de um exato abismo cultural, acrescido de uma linguagem tanto mais forte quanto calcada em signos e símbolos regionais. Desde o século XIX que poetas negros sentiam a rejeição dos portugueses e cingiam-se aos seus valores culturais para oporem-se ao preconceito e à colonização. Caetano da Costa Alegre, poeta negro de São Tomé, canta com fervor em seus versos algo que nenhum poeta português cantaria (e abrimos uma honrosa exceção para Camões em suas endechas a uma cativa na Índia) a beleza da mulher negra: E a literatura africana deste século é toda de contestação aos valores culturais colonialistas e de exaltação da negritude. É importante assinalar que, todo o ser humano possui dentro de si sentimentos e ânsias cujo conteúdo latente é igual mas em cada cultura ele se expressa de forma diversa e sempre relacionada esta expressão com o ambiente e suas vivências. Nota-se isso bem no poeta angolano Antonio Cardoso quando produz um símile em que diz que o seio da mulher amada tem a dureza da fruta maboque. Ora, um símile produz força de expressão metonímica através da transposição da qualidade de algo ao objeto que se pretende realçar. Dureza vem do segundo termo do símile, como num exemplo em português nosso — Seus seios são como a rocha — expressamos dureza com um referente cultural acessível a qualquer falante de nossa língua. No caso do Antônio Cardoso, a intensidade e virtualidade da comparação somente pode ser percebida por quem conhece a fruta maboque. É-nos necessário introduzir no símile a palavra dureza para que o entendamos. No entanto qualquer africano entenderá o símile e todas as outras implicações sexuais que há em se comparar seios a uma fruta. Nós perdemos a intrinsecidade da invenção poética pois nada nos diz a fruta maboque. O que prova que não interessa o conteúdo latente e sim a forma como ele se expressa através de signos próprios a uma cultura definida, que não foi esmagada pelos portugueses, resistiu e ora se alça em toda a sua dignidade.

Por essas razões preferiríamos que o título fosse a literatura de Língua Portuguesa nas realidades contextuais brasileira, africana e portuguesa, porque além do mais reunir as três culturas numa só rubrica é violentar a individualidade de cada uma.

NOTA — Vários dos pontos abordados neste debate foram extraídos do trabalho *Some Aspects of African Literature in Portuguese* de Isa Maria Drummond Simões e Willfried Feuser, *Revista Afriscope*, Maio, 1976.